



**Entrevista exclusiva concedida pelo Presidente da República, Luiz Inácio Lula da Silva, ao jornalista Luciano do Valle, da TV Bandeirantes
Palácio do Planalto, 14 de janeiro de 2009**

Jornalista: Bom, é uma grande surpresa para nós, da Band, porque afinal de contas estamos ao lado do maior torcedor brasileiro. E o maior torcedor brasileiro em todas as modalidades, não é só no esporte, não é só no futebol, mas em tudo, na economia, porque afinal de contas nos dirige com um carisma extraordinário, com o lado humano que ele está mostrando para o mundo todo. Eu faço muita questão de ressaltar isso, porque a gente está vivendo problemas hoje de baixo astral tão grande, e quando a gente chega perto do presidente Lula a gente fica com alto astral e fica realmente muito feliz de ser brasileiro e saber que nós temos um homem que tem lutado tanto por tantas coisas no País. Mas eu prometi a ele que nós iríamos falar só de esportes, porque eu acho que é difícil alguém querer uma entrevista com o Presidente para falar só de esportes, não é, Presidente?

Presidente: Luciano, tem uma coisa importante. Primeiro, a alegria de estar fazendo a minha primeira entrevista sobre esportes aqui, com a Band e com você, que eu acompanho há muito tempo. Segundo, é que eu acho que tudo que a gente fizer no Brasil está ligado à política, está ligado à questão econômica. E o futebol não é diferente disso, ou seja, se os clubes vão mal, se os clubes vão bem passa a ser um problema econômico para o País, para o estado, para a cidade, para os clubes, para os jogadores. Afinal de contas, quando um jogador não está recebendo salário, é a mesma coisa que um trabalhador de uma fábrica quando não recebe salário. Então, eu tenho preocupação apenas pela questão política. Eu acho que o esporte, como um todo... Veja, quando o Brasil disputa um campeonato de futebol de areia, um



campeonato de futsal, um campeonato de basquete, as pessoas se sentem motivadas e vão aos ginásios, vão aos estádios, vão às quadras. O que nós precisamos é garantir sempre a oportunidade de oferecer bons espetáculos, porque tanto no esporte quanto na cultura você não vai ver nada medíocre, você só vê se as coisas forem boas. Então, nós precisamos ter esse cuidado de cada vez mais apresentar coisas de qualidade, para que o povo se sinta à vontade em participar.

Eu, como torcedor do Corinthians, vivi aquele período do “faz-me rir”, ou seja, o famoso tempo em que o Santos não deixava o Corinthians ganhar um jogo. Eu ia muito ao estádio de futebol, e ficava imaginando: se o futebol é a razão da existência de um clube, o que esse clube pode oferecer para o seu torcedor, além do futebol? Ou seja, ele não tem que ficar preocupado com outras coisas, ele tem que estar preocupado em oferecer o melhor que ele puder, porque é exatamente o futebol que vai levar o torcedor a virar corinthiano, a virar são-paulino, a virar... Ninguém vira são-paulino por causa de uma piscina...

Jornalista: Não.

Presidente: ... ninguém vira palmeirense por causa de uma piscina, ninguém vira corinthiano por causa de uma piscina. As pessoas viram por causa do time de futebol.

Jornalista: E o espetáculo.

Presidente: Se o time for bom, ele atrai a juventude, ele atrai gente ao campo, ele atrai o homem, que leva a mulher, que leva o filho, e os times vão ganhando torcedores. É o torcedor que deveria, em última hipótese, sustentar a manutenção do clube com o pagamento do ingresso e com o pagamento da



sua filiação, como associado do clube.

Então, é com essas preocupações que eu trato a questão do esporte. Eu penso muito o esporte politicamente. Eu não penso o esporte apenas como esporte.

Jornalista: Tecnicamente. Agora, Presidente, já que o senhor falou no Corinthians e no “faz-me rir”, parece que agora está em uma fase ao contrário. O “faz-me rir”... Agora, o corinthiano acorda sorrindo, com o Ronaldo. Mas será que o Ronaldo vai ser realmente, vamos dizer, 50% do que ele foi, o que já estaria ótimo para o time do Corinthians, e por tudo o que ele passou, fisicamente, na vida?

Presidente: O Ronaldo é um menino bom-caráter. Eu conheço o Ronaldo e acho que ele é uma figura humana espetacular. Acontece que, muitas vezes no Brasil, o ser humano pode ter mil virtudes, fazer mil coisas bem-feitas, mas quando ele comete um equívoco, muitas vezes ele é massacrado por aquilo. Nós precisamos aprender a sermos generosos com os erros das pessoas. Da mesma forma que nós somos ousados na conquista, na glória, nós temos que ser generosos com os erros das pessoas. E todo ser humano pode errar, todo ser humano pode errar.

Do ponto de vista da capacidade profissional, eu acho que o Ronaldo não tem que provar nada a ninguém no mundo, porque ele já fez tudo o que deveria fazer e um pouco mais. Acho que ele, com 32 anos de idade, tem condições de continuar jogando. Obviamente que nós não vamos esperar do Ronaldo aqueles piques que ele dava quando tinha 20 anos de idade, antes da lesão nos dois joelhos. Mas, pela experiência dele, pela competência dele, ele pode ser muito útil ao Corinthians. E é uma coisa engraçada, porque depende só dele, não depende da torcida, não depende da Direção do time. Ele está com um contrato, eu tenho visto, pela imprensa, que ele está se esforçando



muito, que ele está treinando muito. Não existia lugar melhor para ele tentar recomeçar, do que no Corinthians, porque ele vai conhecer a torcida mais apaixonada do mundo, ele vai conhecer o povo da periferia mais empobrecida deste País torcendo por um time e que vê nele uma figura, quase que um Deus. Então, eu só desejo para o Ronaldo toda a sorte do mundo.

Eu acho que o Corinthians tem um técnico competente, eu tenho visto o Mano Menezes trabalhar, e eu acho que ele é um técnico competente, racional, daqueles que falam somente o essencial. Eu acho isso extremamente importante. Acho que o time está estruturado. Possivelmente, tenha que tentar fazer alguns ajustes e algumas contratações. Mas de qualquer forma é quase impossível, hoje, você montar uma grande equipe. Eu não tenho mais a ilusão, no Brasil, pelo menos nos próximos anos, enquanto a economia brasileira não...

Presidente: ...economia brasileira não se transformar em uma economia muito forte, que a gente possa ver outra vez um time da qualidade do Santos da década de 60, do Palmeiras em 59...

Jornalista: Botafogo...

Presidente: ...do Corinthians nos anos 80. A gente não vai conseguir ver, porque a valorização do profissional e o mercado de futebol – porque virou uma indústria internacional extraordinária – não vão permitir que um jogador fique muito tempo no clube. Ou seja, as pessoas valem quanto jogam. Antigamente, valiam quanto pesavam, hoje as pessoas valem quanto jogam. De um lado, eu fico extremamente feliz quando vejo um jovem pobre da periferia ficar milionário, ganhar o tanto de dinheiro que ganha, fico felicíssimo da vida. Ao mesmo tempo, eu fico triste de saber que o time que formou aquele jogador não o viu ser o grande astro que a gente vê, pela televisão, nos campeonatos



italianos, nos campeonatos ingleses, no campeonato espanhol, no campeonato alemão, no russo, isso é triste.

Jornalista: Precisamos mexer na lei, não é?

Presidente: Precisa fazer a lei. Eu tenho todo o interesse em contribuir para que a gente faça uma adequação na lei, e que a gente possa garantir que esses jogadores fiquem um pouco mais no clube que os formou.

Jornalista: Porque quem investe, quem vai na base é o grande responsável por isso.

Presidente: Você sabe, Luciano, que eu tenho acompanhado... Eu vejo, por exemplo, o São Paulo, que foi campeão agora. Inegavelmente, o São Paulo é, dentre os times brasileiros, aquele que tem a melhor estrutura, é aquele mais profissional. Mas se você for comparar o time do São Paulo campeão brasileiro do ano passado, não chega nem perto - do ponto de vista da qualidade individual - do time do São Paulo que foi o primeiro campeão da Copa Toyota, com o Raí, Miller...

Jornalista: Com o Raí, Miller...

Presidente: ... não chega nem perto.

Jornalista: Exatamente.

Presidente: Então, é o melhor time? É. É o que está mais estruturado? É. Mas está longe de ser o time que o São Paulo já foi; como o Palmeiras está longe de ser o time que já foi, como o Corinthians está longe, como o Cruzeiro está



longe, porque os jogadores se vão. Eu me lembro de um tempo desses aí em que, no meio do campeonato, o Corinthians perdeu seis jogadores. O Santos perdeu quase toda a equipe, ou seja, o time não se sustenta. Então, essa é uma preocupação que eu tenho, e isso vale para todos os times do Brasil.

Agora, é preciso que os dirigentes tenham vontade. Da parte do governo, eu posso te dizer, Luciano, que nós faremos o que for necessário para que a gente possa ter o futebol brasileiro cada vez mais forte, cada vez mais organizado, cada vez mais preparado. E volto a repetir: o governo não quer dirigir nenhum time, o governo não quer dirigir nenhuma federação, o governo não quer dirigir nenhuma televisão. O que o governo quer, na verdade, é ser um participante, um indutor do processo de modernização do esporte no Brasil, a começar pelo futebol.

Jornalista: Tem um detalhe, não é, Presidente. Agora, por exemplo, recentemente o senhor deu mostras, através da nossa Maria Fernanda, presidente da Caixa, do que é a parceria com aquela Orquestra de Meninos da Favela Coque, em Recife, uma das mais difíceis, não é? Com aquela Orquestra maravilhosa, o senhor se encantou com aqueles meninos. Então, acho que tudo que tem um apoio, que tem uma parceria acaba vingando, vingou.

Presidente: Nós temos o hábito, aqui no Brasil, de detectar onde estiver acontecendo uma coisa boa, a gente tentar ajudar, para que aquela coisa boa passe a servir de exemplo para outras regiões. Muitas vezes no Brasil, Luciano - essa é uma deficiência, eu diria, quase cultural - muitas vezes a gente só vê na televisão os maus exemplos. Os bons exemplos, a gente não vê. Eu me lembro de que em um tempo desses eu fui inaugurar um *call center*, eu acho que eram 3 mil trabalhadores, e eu dizia: por que a televisão não mostra uma reportagem importante sobre o *call center* que está dando oportunidade a 3 mil



jovens, e mostra um jovem de uma favela tal que deu um tiro em uma pessoa? É verdade que é grave dar um tiro, é preciso que se mostre. Mas é importante mostrar que tem outros milhões de jovens no Brasil que estão seguindo outro caminho e, muitas vezes, isso não é mostrado. Então, eu trabalho sempre com a idéia de que a gente precisa dar os bons exemplos para que as pessoas percebam que tem um caminho diferente a ser seguido. E nada melhor do que o esporte, para a gente fazer isso.

Jornalista: Não há dúvida nenhuma. Presidente, está satisfeito com a Seleção brasileira?

Presidente: Eu, às vezes, falo como torcedor e esqueço que sou presidente, eu fico apaixonado. Como torcedor, eu tenho uma coisa, Luciano: o que importa para mim... muitas vezes o time perde, mas você viu o time correr dentro de campo, e você fica satisfeito. O time correu, se matou. Não deu, não deu, porque o adversário marcou gol, o adversário foi melhor. Nenhum torcedor se queixa disso. Agora, o que nós muitas vezes não aceitamos é perceber que a pessoa não faz o esforço que deveria fazer para correr atrás da bola, que a pessoa não está se dedicando cem por cento. Às vezes eu tenho a impressão de que tem gente que hoje veste a camisa do Brasil sem... sem aquela paixão. Antigamente, tinha o menino do interior, o grande sonho dele era vir para um clube da capital, e o segundo sonho dele era chegar à Seleção brasileira. Hoje, o primeiro sonho de um jovem é ir para a Europa e o segundo sonho é ganhar muito dinheiro. E o terceiro, eu não sei nem se é sonho, é chegar à Seleção brasileira.

Jornalista: Às vezes é cumprir compromisso, né?

Presidente: De qualquer forma, eu acho que nós temos condições de montar



seleções sempre de primeiríssima qualidade. Essa bobagem que muitas vezes a gente fica dizendo: o Dunga vale ou não vale, o Dunga pode ou não pode... Eu acho que o Dunga, passar pelo que ele passou na Seleção brasileira, ser vítima como ele foi em 90, se recuperar em 94, eu acho que é a demonstração de que ele tem competência. E para ser técnico é preciso que você tenha liderança sobre os jogadores e que você tenha conhecimento tático para poder montar a equipe, em função dos adversários. Eu acho que o Brasil tem sempre condições de montar uma boa Seleção. Obviamente, que se a gente ficar olhando sempre as seleções que foram campeãs do mundo, sempre vamos ficar no saudosismo. Eu acho que nós montamos a Seleção de acordo com aquilo que nós temos. Muitas vezes, eu acho que a gente deveria valorizar um pouco os jogadores que estão aqui dentro.

Jornalista: Que estão jogando mais aqui.

Presidente: Mas também temos que ter clareza: na hora em que ele vestir a camisa da Seleção, ele vai para fora. Então, também, não vale trabalhar com ilusão fácil, porque ao vestir a camisa da Seleção, tem 80% de possibilidade desse cidadão ganhar projeção e ser vendido ao mercado externo. Mas de qualquer forma, o Brasil sempre terá condições de montar uma Seleção forte. Diferentemente de 1966, quando a gente estava em um processo de entressafra - depois de ganhar em 58 e em 62 – em que se convocou 40 jogadores, todos muito bons, porque estava lá o Gerson, que foi crucificado, porque estava lá o Pelé, porque estava lá o Coutinho, e nós fomos um fiasco. Então, eu penso que hoje nós estamos mais maduros, mais profissionais e, certamente, não cometeremos o erro que cometemos naquela ocasião.

Jornalista: Presidente, só para a gente encerrar, duas coisas bem básicas. Primeiro, a Bandeirantes volta a transmitir a Copa do Mundo. Eu acho que é



uma notícia que todos nós gostaríamos de dar, em nome do Johnny, do Grupo Bandeirantes de Rádio e Televisão. Voltamos já com a cobertura das eliminatórias, vamos a Quito, vamos fazer a Copa das Confederações. É mais uma opção para o amigo que está em casa escolher o canal, ver o canal. Então, essa é uma notícia que eu estou dando ao senhor, e a gente fica muito feliz porque eu sei que o senhor acompanha muito a nossa programação. Eu sei que o senhor é fã dos nossos comentaristas, discute com os nossos comentaristas, como um torcedor é, o que é normal. Então, essa notícia...

Presidente: Eu fico feliz que vocês voltem a transmitir a Copa, as eliminatórias. E acho que o povo brasileiro, tendo mais oportunidades, fica menos refém. Ele vai poder escolher qual o seu comentarista, qual é o seu radialista importante. Eu acho que vai ficar mais fácil e é uma opção extraordinária. Mais feliz eu fico porque eu acho que a Band tem uma especialidade em futebol. Há muito tempo... Eu acho que quando você começou na Band, eu acho que a Band teve um impulso muito grande. E trabalhando o futebol, qualquer televisão vai ter audiência. Eu tiro por mim...

Jornalista: Assiste tudo...

Presidente: ... no domingo à noite, à meia-noite, às onze horas da noite eu quero ver um jogo de futebol. Se não tem futebol nacional, eu vou ver na TV a cabo, se tem na Espanha, se tem... eu vou ver.

Jornalista: Que bom.

Presidente: Eu acho que a maioria dos brasileiros é assim. A maioria dos brasileiros que podem, ligam e ... Às vezes a mulher não gosta de ver futebol, então, você tem que deixar passar toda a programação, para você ver o



futebol.

Então, eu fico muito feliz, Luciano, que vocês estejam de volta com força total. Quero que vocês acompanhem as decisões do governo e critiquem quando a gente estiver errado, façam críticas, porque nós estamos nos preparando para a Copa do Mundo de 2014. Agora em março vão ser divulgadas as cidades que vão ser sede. O governo federal, junto com os governos estaduais e os governos municipais, vai construir um PAC de mobilidade urbana para que a gente possa criar as condições para que os visitantes que vierem do exterior para o Brasil e para que os próprios brasileiros tenham facilidade de ir ao estádio. Vamos trabalhar junto com o Ministério do Turismo para que a gente faça as opções, para a gente fazer dessa Copa do Mundo não apenas um evento esportivo, mas um grande evento de divulgação do Brasil, para que as pessoas conheçam este país e a alma do povo brasileiro.

De vez em quando eu vejo alguém criticar que “não deveríamos trazer a Copa do Mundo para o Brasil, porque o Brasil não tem condições”. Ora, se em 1950, quando nós éramos uma república do café, a gente pôde fazer uma Copa do Mundo – lamentavelmente, perdemos – por que este país não pode fazer uma grande Copa do Mundo em 2014? Vamos fazer.

Jornalista: Vamos fazer.

Presidente: E mais ainda, estamos torcendo para que também sejamos escolhidos para fazer as Olimpíadas.

Jornalista: Sobre isso que eu ia falar.

Presidente: Nós estamos trabalhando para isso. O governador do Rio de Janeiro, Sérgio Cabral, tem feito um trabalho intenso. Eu tenho conversado



muito com o Nuzman. E nós queremos também trazer as Olimpíadas para cá. Quando nós fomos fazer o PAN, tinha muita gente que dizia que a gente não tinha condições. Hoje você pode perguntar para qualquer pessoa que participa do esporte olímpico, que ela vai dizer que o PAN no Brasil foi o melhor de que ela participou. E nós vamos fazer uma Olimpíada invejável, invejável.

Jornalista: Que maravilha.

Presidente: Possivelmente, não precisaremos gastar o tanto de dinheiro que a China gastou, mas vamos fazer uma Olimpíada extraordinária. Já temos uma parte da estrutura, que é a do próprio PAN, e eu acho que nós temos condições. O Brasil precisa parar com essa coisa de pensar pequeno: “eu não posso, nós não temos dinheiro”. Um país só vence se ele aceitar grandes desafios. Eu aprendi no governo, Luciano, o seguinte: se você for pedir dinheiro em alguma instituição governamental, sem projeto, você não vai ter o dinheiro, porque as pessoas vão dizer: “não vai ter dinheiro”. Mas se você tiver o projeto, o dinheiro aparece. Então, nós queremos ter o projeto das Olimpíadas para a gente provar que temos condições de fazer uma grande Olimpíada.

E a Copa do Mundo, nós vamos fazer uma Copa do Mundo extraordinária. A única coisa que eu não posso garantir ao torcedor brasileiro... Obviamente eu já não estarei mais na Presidência, mas serei torcedor. Nós vamos fazer uma Copa do Mundo invejável. Eu só não posso garantir que o Brasil seja campeão. Eu não posso garantir porque eu não tenho como garantir. Agora, eu acho que nós temos condições de ser campeões se não cometer...

Jornalista: Aí o senhor vai me permitir convidá-lo para ser comentarista nesta Copa, já que o senhor não vai ser presidente, para o senhor fazer uma dupla porque o senhor comenta muito bem futebol.



Presidente: Eu gostaria de comentar futebol.

Jornalista: Então, está vendo? Olha aí! Quem sabe...

Presidente: Eu gostaria, sabe por quê? Muitas vezes eu acho – é engraçado, isso - que os times de futebol que têm essa meninada toda, além do ensinamento básico do futebol, das coisas que são o fundamento do futebol: o menino aprender a driblar, aprender a cabecear, aprender a chutar... porque ninguém aprende isso por acaso, a pessoa tem que treinar. Ora, se o cara quer ser baterador de falta, ele tem que ficar, além do tempo normal, treinando bater falta. Se ele quer ser um grande cabeceador, ele vai ter que treinar, não tem jeito. Então, às vezes eu fico pensando que os times de futebol deveriam contratar especialistas para fazer a cabeça desse jovem, ou seja, além de jogador de futebol, transformá-lo em um cidadão que compreendesse a realidade do seu país, que compreendesse a própria realidade da sua profissão, fazer um ser humano quase completo. Eu acho que se a gente fizer isso, a gente vai ter atletas mais competentes, mais sabedores da sua realidade como esportista, e não apenas aquela coisa mercadológica que muitas vezes aparece.

De forma, Luciano, que eu não sei se serei comentarista. O que eu sei é o seguinte: na televisão, em uma arquibancada ou em casa eu sempre estarei comentando futebol e vendo esporte, porque faz parte da minha vida.

Jornalista: Presidente, muito obrigado pelo seu tempo. A gente queria agradecer em nome da Rede Bandeirantes, do Johnny, a todos que gostam de esporte. O senhor mudou o esporte no Brasil, é o presidente que mais defendeu este nosso país, esportivamente falando, o nosso ministro, o Orlando. E que o senhor tenha realmente sempre esse carisma, porque é um



orgulho para nós – estávamos na Europa agora, no final do ano – o carinho que o mundo tem com o senhor. É aquela estória que eu disse, que uma pessoa que é relacionada entre todas as personalidades mundiais: papas, dirigentes, enfim, o senhor é hoje reconhecido como o lado humano da vida, e a vida está desumana. O senhor está mostrando para esses dirigentes, para o presidente dos Estados Unidos, para presidentes de grandes potências que com o lado humano, a sua humildade, a sua sobrevivência... o senhor foi um sobrevivente que nasceu lá em Caetés e está aqui no Palácio. O senhor é o maior exemplo para todos nós, e isso aqui não é “puxação” não, porque realmente isso é uma verdade. Então, eu queria agradecer muito esse tempo que o senhor deu a todos nós da Band.

Presidente: Luciano, eu quero te agradecer. Um grande abraço ao Johnny, e que a Bandeirantes cresça cada vez mais porque, em se tratando de comunicação, eu penso que quanto mais democracia nós tivermos, quanto mais liberdade nós tivermos, quanto mais opções nós tivermos, mais o Brasil será bem informado. Parabéns.

Jornalista: Obrigado, Presidente.

(\$31DHJLP)